



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A REVOLUÇÃO PASSIVA NA PARTICULARIDADE BRASILEIRA DO LULO-PETISMO

Ana Karoline Nogueira de Souza

karolns10@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba

Brasil

Cláudia Maria Costa Gomes

claudiac_gomes@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

Esse trabalho apresenta os resultados e as discussões do projeto de pesquisa “Um Balanço Crítico das Teses Centrais do Novo-Desenvolvimentismo no Brasil” e do Trabalho de conclusão de curso “O transformismo à brasileira – a hegemonía Lulista em presença”, em torno do objeto de estudo: *Revolução Passiva, Neoliberalismo e Governos Lula-Dilma*, desenvolvido no âmbito da iniciação científica (PIBIC/UFPB/CNPq). Se vincula ao Projeto de Pesquisa (CNPq/MCT/UNIVERSAL), sobre o Neodesenvolvimentismo brasileiro e o programa de reformas de combate à pobreza na era Lula. Nosso objetivo consiste em construir uma exposição que estabeleça um diálogo entre os principais elementos de composição do capitalismo e do Estado brasileiro e o processo de contra reformas na contemporaneidade, procurando saber se a via de análise da Revolução Passiva poderia explicar o fenômeno do Lulismo. Desse modo, o nosso objeto de pesquisa se coloca no centro da contradição das relações entre o Estado na gerencia do PT e as frações de classe do bloco no poder, os quais jogam um papel decisivo na ofensiva contra os trabalhadores e que só pode ser explicado através do transformismo desfraldado pelo Lulismo na direção estratégica e na correlação de forças sociais para garantir um projeto de poder. Sob o viés da teoria social crítica é necessário considerar, a um só tempo, o universo categorial de Gramsci a partir dos conceitos de revolução passiva e transformismo e a particularidade em que esse processo ocorre na realidade brasileira, como chave de interpretação para explicar o Brasil, confrontando-se com algumas das formulações mais recentes sobre o período em que atravessa a realidade nacional, a exemplo do neodesenvolvimentismo. Trata-se de um esforço analítico no sentido de delinear o conteúdo da diretriz político-econômica que esteve em voga no recorte temporal em questão. Dos resultados da pesquisa, chegamos a compreender que a formação sócio-histórica brasileira é marcada por períodos característicos de Revolução Passiva. Uma vez que não há uma mudança na estrutura da sociedade brasileira, ocasionando um reformismo pelo alto, promovido pela aliança de classes burguesas para a reprodução hegemônica da burguesia no poder do Estado. Nossa hipótese de trabalho, converge para esse sentido, uma vez que o lulo-petismo, realizou reformas pontuais marcadas por concessões para a classe trabalhadora, ao mesmo tempo em que governou por meio de uma política de alianças com as frações de classe no poder. Nesse sentido, os resultados da pesquisa indicam que, não obstante ter-se mantido os pilares centrais da macroeconomia neoliberal, os governos Lula-Dilma apresentaram feições específicas nos marcos do capitalismo dependente latino-americano, em razão das nuances próprias às nossas posições subalternas na divisão internacional do trabalho.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

This paper presents the results and the discussions of the research project "A Critical Balance of the Central Theses of New-Developmentalism in Brazil" and of the work of conclusion of the course "The transformation to the Brazilian - the Lulaist hegemony in presence", around the object of study: Passive Revolution, Neoliberalism and Lula-Dilma governments, unveiled not âmbito da iniciação scientific (PIBIC / UFPB / CNPq). It is linked to Projeto de Pesquisa (CNPq / MCT / UNIVERSAL), about or Brazilian Neodesenvolvimentismo and the program of reforms of combat poverty na era Lula. Our goal is to build an exhibition that establishes a dialogue between the principal elements of the composition of capitalism and the Brazilian State, or the process of counter-reforms, contemporaneous, seeking to know how to analyze the phenomenon of Lulism. In this way, or no object of inquiry is placed no center of contradiction between the State and management of PT and the so-called fragment of bloc can not, the quais jogam a decisive role in offensive against the workers that can only be explained Through Transformism, we have removed hair Lulismo na strategic direction and a correlation of forces sociais to guarantee a power project. A critical social theory and it is necessary to consider, in a certain way, or Gramsci's categorical universe, starting from two passive revolution and transformation concepts, particularly in the Brazilian real process, as an interpretive key to explaining or Brazil, confronting -some of the formulations are more recent about a period that crosses national realities, such as neodesenvolvimentismo. It is about an analytical effort that is not a sense of delineating or contenting the political-economic direction that is not em- ployed and does not temporarily reduce em questão. Two results of research, we recommend to understand that a Brazilian socio-historical formation marked by characteristic periods of Revolução Passiva. Once there is no change in the structure of the Brazilian society, causing a high-class reformism, promoted by the bourgeois classes for a hegemonic reproduction of the bourgeoisie that can not be governed by the State. Nossa hypothesized work, converge to this sense, once or lulo-petismo, realizou pontuais reforms marked by concessões for a classe trabalhadora, ao mesmo tempo em governou by meio of a policy of alliances as frações de classe no poder. The results of research indicates that, nevertheless, the central pillars of neoliberal macroeconomics remain, the Lula-Dilma governments will apresentaram specific feições frameworks of Latin American-dependent capitalism, in the light of our own nuances in our subaltern positions. international division do trabalho.

Palabras clave

Estado. Capitalismo Brasileiro. Revolução Passiva.

Keywords

State. Brazilian Capitalism. Passive revolution



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

Neste trabalho apresentamos os resultados dos estudos que foram desenvolvidos em torno da temática da revolução passiva e os governos Lula-Dilma, que tem como objetivo analisar os principais elementos de composição do capitalismo e do Estado brasileiro no marco temporal do lulismo. Tendo em vista que o mesmo representou a direção de um projeto hegemônico, com o consentimento ativo das classes, o qual permitiu a realização de um verdadeiro transformismo, nos termos de Gramsci.

A particularidade de nosso trabalho está voltada a problematização dessa questão. A hipótese que orienta esse trabalho parte do pressuposto que a adesão ao discurso e aos elementos políticos e econômicos a favor de um programa de reformas, antes rechaçados pelo partido, propiciado pelas amplas alianças realizadas pelo PT (com partidos de centro-esquerda à direita mais conservadora para a disputa das eleições em 2002), atualiza por meio do *transformismo* o caráter da revolução passiva.

Nesse sentido, podemos inferir que a revolução burguesa brasileira é semelhante à realidade Italiana no período do *Risorgimento*, a qual foi denominada de revolução passiva por Gramsci. Esse momento é marcado pela ausência de um rompimento estrutural, nos âmbitos político e econômico, enquanto mudanças que ocorrem na revolução burguesa clássica. Assim, o que temos observado é que em decorrência desse processo, as reformas que são realizadas no terreno do Estado, tendem a limitar uma revolução no sentido político e permanecem as desigualdades.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. A Revolução Passiva nos *Cadernos do Cárcere* e nos intérpretes Brasileiros

Na conjuntura histórica posterior a emersão do Fascismo na Itália, no período após a primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Crise de 1929, Gramsci extraiu o conceito de Revolução Passiva para explicar o processo de formação do Estado burguês Italiano. Para essa formulação, segundo Aliaga (2015), Gramsci teve como alicerce a apreensão de Edgar Quinet sobre a revolução-restauração e o conceito de Revolução Passiva de Vincenzo Cuoco. Senão vejamos:

Originariamente, o conceito de Revolução Passiva aparece nos escritos da principal obra de Vincenzo Cuoco (1770), *Saggio storico sulla rivoluzione napoletana* de 1801. Conforme aparece na nota 66 ao *Caderno 19*¹, Cuoco utiliza o conceito de revolução passiva ao fazer referência à revolução napolitana de 1799², que foi fomentada a partir da influência dos acontecimentos externos, como a revolução francesa e as guerras napoleônicas, limitando-se a um grupo pequeno de intelectuais que não soube se ligar às necessidades do povo. (Cf. Gramsci, 2014, v.5, p. 371)

Deslocado do contexto que fora utilizado por Cuoco, o conceito de revolução passiva foi reformulado por Gramsci, adquirindo assim, uma nova amplitude e um novo conteúdo. Passando a ser uma ferramenta de explicação histórico-política de fatos sociais contemporâneos ao marxista italiano, mantendo a sua característica principal, qual seja: “[...] a modernização do Estado através de uma série de reformas e guerras, procurando evitar, assim, uma ruptura revolucionária” (Bianchi, 2013, p. 166).

¹ Os cadernos do Cárcere, segundo indicações de Gramsci, dividem-se em “cadernos especiais” e “cadernos miscelâneas”. Os especiais reúnem notas referentes a assuntos específicos, já os miscelâneas possuem notas de assuntos variados. O *caderno 19*, como foi supramencionado, está entre os especiais, no volume 5 da edição Brasileira. Essa edição ainda contempla notas dos cadernos miscelâneos referente ao conteúdo dos cadernos especiais e à história Italiana.

² A revolução napolitana (1799) se caracterizou como uma revolução passiva, pois a partir da influência externa da revolução francesa, ocorreu uma divisão dos dirigentes e não houve uma vinculação às massas populares. Por isso, “[...] Cuoco compreende a revolução napolitana de 1799 como resultado do impacto da Revolução Francesa, que mobilizou, de forma incoerente, as classes dominantes napolitanas no sentido de transformar Nápoles em um Estado burguês, mas as massas populares não participaram desse processo” (Souza, F. 2014, p.3).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Na obra *A restauração do Capital*, Ruy Braga (1996) explicita que Gramsci utiliza conceitualmente a Revolução Passiva para analisar a construção do Estado burguês na Itália, no interior do processo de unificação da Itália, também denominado de *Risorgimento*³. Nessa perspectiva, haveria uma modernização do Estado, enquanto expressão concreta da ordem social burguesa, o que foge da experiência francesa revolucionária.

Nestes termos, a apropriação do Estado pelo bloco histórico⁴ burguês e a sua consolidação, sem que ocorra um processo revolucionário para este alcance, faz com que a referida classe mude o seu horizonte de luta por meio de uma adesão a ideologia pertencente ao Estado de forma passiva. Assim, ao invés de combater a “ordem social”, a burguesia tende à sua defensiva. Nesse sentido, Bianchi (2006, p, 55) avalia que:

[...] com o conceito de revolução passiva, Gramsci procuraria ‘interpretar não somente a ascensão e consolidação do bloco histórico burguês, mas, também, a defesa de suas condições fundamentais de existência e de princípio: a primazia da política – hegemonia burguesa na direção do processo produtivo, do próprio Estado e, portanto, da cultura’.

O termo Ideologia aqui utilizado no sentido gramsciano⁵, está vinculada aos projetos que incorporam os valores de classe e não é considerado como falsa consciência. Para Eagleton (1997, p,196),

³ “[...] Para Gramsci, o movimento conhecido como *Risorgimento* pode ser definido como formação das condições concretas, incluindo as relações internacionais, que possibilitaram a unificação do Estado italiano a partir da união das forças nacionais [...] é caracterizado, portanto, pela hegemonia das forças moderadas e democráticas presentes naquele contexto histórico” (Sousa, 2010, p. 2-3).

⁴ Partindo de uma concepção Gramsciana, Montaño e Duriguetto (2011, p. 359) afirmam que “O conceito de ‘bloco histórico’ define uma ordem social em que a classe dominante na esfera econômica detém também a dominação (sociedade política) e a hegemonia (sociedade civil) sobre o conjunto da sociedade. É, assim, um bloco econômico, político e cultural, implicando uma relação de hegemonia entre governantes e governados, dirigentes e dirigidos sob direção da classe hegemônica.”

⁵ “Segundo Gramsci, a ideologia não é mero epifenômeno do econômico, nem falsa consciência, nem sistema de ideias. Ela é concepção de mundo que se manifesta na ação e a organiza, “é unidade de fê entre uma concepção de mundo e uma norma de conduta adequada a essa concepção”. Não se trata de um conjunto de realidades espirituais, nem de simples aparência artificial, a ideologia tem uma existência material, encontra-se materializada nas práticas, é constituidora do real. Ela é “(...) uma concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas” (Gramsci, 1978 p, 16). Neste sentido, a ideologia se identifica com a filosofia, com as superestruturas, com a política” (Dias & Brandão, 2007, p, 83).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A hegemonia, portanto, não é apenas um tipo bem-sucedido de ideologia, mas pode ser decomposta em seus vários aspectos ideológicos, culturais, políticos e econômicos. A ideologia refere-se especificamente ao modo como as lutas de poder são travadas no nível da significação; e, embora essa significação esteja presente em todos os processos hegemônicos, ela não é, na totalidade dos casos, o nível dominante pelo qual a norma é mantida.

Numa via contrária às adaptações geradas pela revolução passiva, o socialismo se coloca como uma proposta de saída que se concretiza com a derrubada da dominação burguesa pelo proletariado, mas para isso é necessário liberdade. Como afirma Dias (2000, p, 59), “[...] Se a adaptação é a forma da integração na ordem, [...] então a cidadania é impossível e as ‘circunstâncias’ passam a ser o único parâmetro da realidade política. [...] É contra essa forma de fazer política que o partido socialista deve lutar”.

Assim, a revolução passiva evita uma revolução burguesa clássica como ocorreu na França em 1789, na qual não ocorre uma participação das massas nesse processo, por isso é considerada como uma revolução burguesa que se realiza dentro da ordem. Nas palavras de Del Roio (2007, p, 5), “[...] a revolução passiva ocorre nas zonas de impacto e absorção passiva da revolução burguesa ou como fase de desenvolvimento da revolução permanente, quando se perscruta a transposição da própria revolução burguesa.”

Não obstante, Gramsci tem sempre como parâmetro analítico o processo histórico jacobino-radical, a sua referência histórica principal será analisar o *Risorgimento* (1815-1870), para aprofundar a utilização da categoria revolução passiva como critério de interpretação histórica. Sendo este o evento histórico italiano que, a partir de um movimento político-militar, conduziu à unificação deste Estado em meados do século XIX.

Assim sendo, a primeira referência que o comunista sardo irá fazer ao conceito de revolução passiva será nos seus cadernos “miscelâneas” no ano de 1930 e terá uma expressa menção a Vincenzo Cuoco, assim como ao propósito basilar deste tipo de revolução, isto é, modernizar o Estado, por intermédio de reformas que evitem e impeçam transformações político-econômicas que tenham como modelo o radical-jacobino. Esclarece Gramsci, no §57 do *Caderno 4*,

Vincenzo Cuoco chamou de revolução passiva a revolução ocorrida na Itália, como consequência imediata das guerras napoleônicas. O conceito de revolução passiva me parece exato não só para Itália



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

lia, mas também para os outros países que modernizaram o Estado através de uma série de reformas ou de guerras nacionais, sem passar pela revolução política de tipo radical-jacobino (Gramsci, 2014, p, 209-210).

Com base nessa colocação, podemos dizer que a direção do processo de revolução passiva é formada por grupos minoritários e que apesar das mudanças nas relações políticas decorrentes desse processo, resulta ainda na conservação das relações econômicas e sociais, ou seja, as bases da sociedade são preservadas.

Em Gramsci, o Estado se constitui como uma instituição contraditória e conflituosa, a qual permite que a classe burguesa exerça uma dominação sobre a classe trabalhadora. Apenas com a construção de uma “ideologia orgânica” a esta classe é que acredita ser possível realizar uma revolução no sentido de libertar essa classe da dominação burguesa. Assim, “[...] A revolução passiva não é hegemonia de uma classe em relação ao todo social, mas a de uma fração das classes dominantes sobre o conjunto delas através da mediação do Estado” (Bianchi, 2006, p, 48).

Os autores que já foram analisados até aqui, tornam evidentes nos seus escritos que a revolução passiva não integra um momento revolucionário clássico. Apesar de em alguns momentos ocorrerem mudanças significativas, a modificação do Estado burguês resulta da conciliação de classes, com um reformismo pelo alto e as classes subalternas, ao invés de dirigirem o processo, sofrem as consequências do mesmo.

II.1. O transformismo como estratégia de hegemonia no Brasil

Nessa subseção iremos nos remeter a alguns elementos que foram explanados no capítulo dois, para melhor apresentar o fenômeno do transformismo no período em estudo. A continuidade da política econômica neoliberal, com o neodesenvolvimentismo, é aqui considerada como elemento para análise do Governo Lula. Assim, a conjuntura brasileira nos últimos anos indica que houve uma série de reformas sem implicar numa radical ruptura das bases que lhe sustentam. O



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Partido dos Trabalhadores (PT) operou com uma estratégia política de uma transformação reformista, atuando de forma gradual e por dentro do Estado.

Sabemos que o transformismo não é um fenômeno originário do Brasil, mas nos apropriaremos desse conceito nessa subseção, para analisar a sua expressão na realidade brasileira. Desse modo, concordamos quando Coelho (2005, p.506-507) aponta que,

Uma peculiaridade do transformismo da esquerda contemporânea no Brasil é que ele não levou à incorporação da esquerda a um determinado partido burguês, mas sim à constituição do próprio campo majoritário do PT - e do conjunto do PT, na medida em que todo o partido é controlado pela supremacia do campo majoritário – como ala esquerda do partido orgânico da classe dominante. Trata-se de um caso de ‘transformismo de grupos’, na terminologia de Gramsci.

Desse modo, pode-se dizer que a particularidade do transformismo no governo Lula, é que contraditoriamente ao governo de FHC, cooptou os setores da organização sindical para compor o bloco hegemônico. Por isso as alterações ocorrem por meio de conciliações entre os velhos e os novos elementos, considerando o plano político através de um reformismo que exclui a participação popular.

Nos anos 1990, antes de ascender ao poder, o PT se colocava como contrário às orientações macroeconômicas, bem como assumia uma postura combativa ao governo de FHC. **“Mais do que nunca o Brasil exige urgentes e radicais transformações econômicas, sociais e políticas em proveito das maiorias.[...] A crise brasileira ganhou intensidade nos últimos anos em razão da política de desconstrução nacional e social do governo FHC.”**(Resoluções do II Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores, 1999, p.1. Grifo nosso)

No entanto, ainda na década 1990, o PT e os partidos de esquerda a nível mundial, passaram a ser influenciados pelo avanço neoliberal e a tese do fim da história. Como se a única alternativa possível fosse à continuidade do capitalismo mundial e o ideal de transformação da sociedade, passa a ser deixado de lado pelo partido.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ao caracterizar o governo Lula, precisamente a partir de 2008, Carlos Nelson Coutinho, no artigo: A época neoliberal – revolução passiva ou contrarreforma?, ratifica de modo incisivo, que o PT aderiu ao projeto neoliberal, ao manter a política econômica herdada dos governos FHC. Desse modo, a aliança política estabelecida no período de FHC tornou-se mais abrangente e mais resistente no governo Lula, o que representa um aprofundamento das medidas e dos acordos internacionais neoliberais que foram adotadas em FHC.

Mas em Lula, contraditoriamente à FHC, implementou-se um projeto governista que ampliou o âmbito social por meio das políticas sociais compensatórias como respostas às exigências imediatas da classe trabalhadora, de maneira que não representasse uma ameaça a hegemonia das classes dominantes, uma vez que aquelas são incorporados passivamente no arranjo político.

Nesse sentido, o PT começou a expressar os sinais da sua guinada ao centro quando escolheu para compor a vice-presidência, na chapa que concorreu às eleições de 2002, José de Alencar, empresário do ramo têxtil. Com isso, já se aponta a contraposição em relação aos discursos anteriores a fundação do Partido, como mostra a carta de princípios instituída em 1979, que afirmava veemente a contrariedade aos interesses da classe que detém os meios de produção, de modo que, “[...] o PT recusa[va]-se a aceitar em seu interior, representantes das classes exploradoras. Vale dizer, o Partido dos Trabalhadores é um partido sem padrões! [sic!]” (Carta de Princípios, 1979, p.5).

A política macroeconômica neoliberal de FHC foi perseguida por Lula, ao invés de realizar a reforma agrária, fortaleceu as relações com a burguesia representada pelos latifundiários e pelo agronegócio, ao tempo em que criou programas de transferência de renda para os setores mais pauperizados da sociedade.

Nesse sentido, desde que o PT assumiu o governo federal, tem demonstrado a sua incapacidade de alcançar uma democratização como estratégia proletária⁶, permanecendo as

⁶ Para Gramsci (2000, p. 112) “[...] as organizações revolucionárias (o partido político e o sindicato) nasceram no campo da liberdade política, no campo da democracia burguesa, como afirmação e consequência da liberdade e da democracia em geral, onde subsistem as relações de cidadão a cidadão. O processo revolucionário atua no campo da produção, na fábrica, onde as relações são de opressor a oprimido, de explorador a explorado, onde a liberdade para o trabalhador não existe, onde não existe democracia”.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

desigualdades regionais e sociais subsumidos às limitações que a exploração e a dominação dos grupos dominantes impõem à organização política dos trabalhadores.

Cabe aqui destacar mais uma vez que é, justamente, a mudança para a racionalidade que antes era negada, bem como a necessidade da burguesia permanecer hegemônica que o PT realiza o transformismo. Conforme reforça Edmundo Dias (2006, p.142), “*é preciso que tudo mude para que tudo permaneça*: eis a sua síntese.”

Dessa forma, o Lula da campanha de 2002 não era o mesmo de 1998. Assim, baseado na sua legitimidade de ex-operário e sindicalista, assume uma postura diferente ao ascender ao poder central, não sendo mais revolucionário e assumindo a postura de “Lulinha paz e amor”⁷, de forma autointitulada pelo Presidente no seu discurso de agradecimento após o resultado das eleições.

É justamente no que se refere ao abandono de bandeiras históricas de luta defendidas pelo Partido, no momento da sua ascensão ao poder central, como a reforma agrária e a sua guinada aos projetos da burguesia brasileira, que iremos caracterizar esse momento da história brasileira com o processo que Gramsci denominou de transformismo.

Ao nos reportarmos ao transformismo operado pelo PT, corroboramos a lúcida indicação de Da Luz (2015, 71-72):

O PT tem dois deslocamentos fundamentais na sua história que dão, em grande medida, o contorno de seu **transformismo**: primeiro é o deslocamento que vai ocorrendo de suas lideranças para a via institucional. Não há uma data definida dessa transformação, ela se origina já nos anos 1980 e se aprofunda nos anos 1990, quando o partido vai crescendo exponencialmente nos processos eleitorais, ganhando bancadas parlamentares cada vez maiores, prefeituras e governos estaduais. O segundo deslocamento, acontece a partir de 2002 com a Carta aos Brasileiros. Aprofunda-se com a chegada de Lula ao Planalto e consolida-se definitivamente com a entrada do lulo-petismo na regulação consorciada do sistema político brasileiro, a partir de 2005, pós-escândalo do mensalão, que possibilitará dentro de uma específica conjuntura a deflagração da hegemonia neoliberal lulista: o lulismo.

⁷ Lula se autodenomina dessa forma no seu primeiro discurso, logo após o resultado das eleições de 2002. Cf <<http://infograficos.oglobo.globo.com/brasil/primeiro-discurso-do-lula.html>>; <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41590.shtml>>.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A caracterização desse processo enquanto tal, pode-se dizer que é determinada pela aliança de classes realizada pelo PT com outros partidos, inclusive de direita, para a manutenção da hegemonia. Esse momento reflete diretamente na reforma da política econômica realizada por esses governos, marcada pela mudança no modelo de desenvolvimento econômico adotado pelo Brasil, como já foi detalhado no capítulo anterior. É justamente com essa alteração no desenvolvimento brasileiro que o transformismo adquire uma maior visibilidade para a população.

Nesse sentido, notamos que todo esse processo ainda foi marcado pelo abandono do marxismo por segmentos da esquerda e “[...] a reviravolta no projeto político da esquerda, que se caracterizou pela negação do marxismo, foi parte do deslocamento da práxis dos intelectuais de esquerda que passaram pela experiência do transformismo.” (Coelho, 2005, p.505).

Portanto, a pesquisa nos revela que a estrutura social brasileira no último decênio, conduzida como projeto de Estado Nação na era Lula, representou a direção de um projeto hegemônico e a produção de um consentimento ativo das classes, “representando uma reconfiguração da dinâmica interna do neoliberalismo para que ele permaneça como tal” (Da Luz, 2015, p. 83). Esse feito só foi possível de se realizar por meio de um verdadeiro transformismo, operado pelo lulo-petismo.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología

Do ponto de vista teórico-metodológico, trata-se de uma pesquisa teórica fundamentada no materialismo histórico-dialético como base epistemológica para captura de nosso objeto, sendo esse próprio arcabouço teórico, um dos objetivos heurísticos da pesquisa. De modo que esse campo de exposição se apresentou como um grande desafio a ser enfrentado, sobretudo a incursão aos *Cadernos do Cárcere*, dados os limites da minha formação e objetivos da iniciação científica, os quais serão objeto de investigação nos estudos posteriores.

Portanto, esse trabalho se desenvolveu por meio de um processo de sucessivas aproximações às determinações histórico-concretas, com a finalidade de alcançar o objeto em si e não as representações que existem sobre ele. Para isto, através da percepção imediata do objeto, na sua expressão real e objetiva, buscamos compreender o que está por trás da aparência imediata do fenômeno estudado (o Lulismo) ou seja, os seus determinantes.

Pelo caráter do objeto de estudo e para alcançar os objetivos pretendidos nesse trabalho, optamos como procedimentos metodológicos a abordagem qualitativa, com recursos a pesquisa bibliográfica. O objetivo desse tipo de pesquisa é resgatar as contribuições e análises em torno da revolução passiva e do transformismo, tomando como referência alguns autores centrais que discutem objetos semelhantes ao que foi proposto aqui.

Dessa forma, compreende-se que não há um consenso nas análises dos autores em torno do trato da realidade brasileira à luz desses conceitos. Por um lado, há autores que estão vinculados a uma análise mais defensiva da Era Lula⁸. Por outro, há autores que se colocam numa perspectiva crítica a esse período, que não apresentam uma adesão as concepções intrínsecas a esse governo. Por isso, faz-se necessário explicitar que esse trabalho está alinhado com essa interpretação mais crítica da Era Lula, como suporte para a análise do objeto de estudo em questão.

⁸ Pode-se citar autores como: Marilena Chauí, Emir Sader e Márcio Pochmann, entre outros.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Cabe aqui também esclarecer que os termos que fazem referência ao período do governo Lula e que serão adotados ao longo desse trabalho, tem como suporte a compreensão de Da Luz (2015). Desse modo, por *Era Lula* compreende-se que é o lapso temporal que envolve os dois mandatos de Lula e os mandatos de Dilma.⁹ A denominação *Lulo-petismo* se refere ao transformismo pelo qual passou o PT e os movimentos sociais e sindicais que serviram sustentação¹⁰. E, por último e não menos importante, o *Lulismo* é atribuído ao padrão da hegemonia burguesa erigida na Era Lula.

⁹ Não pretendemos aqui realizar uma análise da conjuntura mais recente, que foi marcada pelo Golpe Institucional em 2016 e que se abre atualmente com o governo Temer.

¹⁰ Da Luz (2015) se refere à CUT, MST, UNE, CNBB, entre outros.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Conclusiones

Desse modo, a pesquisa nos revela que a estrutura social brasileira no último decênio, conduzida como projeto de Estado Nação na era Lula, representou a direção de um projeto hegemônico e a produção de um consentimento ativo das classes, "representando uma reconfiguração da dinâmica interna do neoliberalismo para que ele permaneça como tal" (Da Luz, 2015, p. 83). Esse feito só foi possível de se realizar por meio de um verdadeiro transformismo, operado pelo lulo-petismo.

Portanto, consideramos que o momento em que o governo Lula abandona o discurso anterior à sua ascensão ao governo federal, de realizar um projeto voltado para os trabalhadores, ao tempo em que desenvolve um projeto que satisfaz as necessidades da burguesia, como transformismo.

Esse momento, também se evidencia com o movimento de cooptação dos principais setores de organização dos trabalhadores para compor a base do governo, na ocupação de cargos dirigentes. A resistência que existia, passa a ser cooptada ou neutralizada com a política macroeconômica. Assim, esse processo começa com uma mudança das concepções do Partido, do momento da sua fundação e se materializa ao tempo em que realiza amplas alianças com os mais diversos partidos de forma que venha a garantir a sua hegemonia.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Bibliografía

- BIANCHI, Álvaro. *Revolução Passiva: o pretérito do futuro. Revista Crítica Marxista*. (Recuperado de: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo127A_Bianchi_23.pdf) São Paulo, v.23, n.23, p: 34-57, 2006.
- BRASIL. *Carta de Princípios Anterior ao Manifesto de Fundação do Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: 1979.
- COELHO, Eurelino. *Uma Esquerda Para o Capital: Crise do Marxismo e Mudanças nos Projetos Políticos dos Grupos Dirigentes do PT (1979-1998)*. 2005. 549 fl. Tese (Doutorado em História).- Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005.
- DA LUZ, Luiz Fernando Ribeiro. *Hegemonia Neoliberal Lulista*. Dissertação. João Pessoa – UFPB, 2015.
- DEL ROIO, Marcos. *A mundialização capitalista o conceito gramsciano de revolução passiva*. São Paulo: UNESP, 2007. p: 1-25
- DIAS, Edmundo Fernandes. *Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia*. 1ª ed. São Paulo: Xamã, p: 13-79, 2000.
- _____. *Política brasileira: Embate de projetos hegemônicos*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2006.
- DIAS, E.F; BRANDÃO, N. A. *A Questão da Ideologia em Antônio Gramsci*. Belo Horizonte: Trabalho & Educação – vol.16, nº 2 – jul / dez , p: 81-98, 2007.
- EAGLETON, T. *Ideologia. Uma introdução*. Tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: Breves notas sobre a política de Maquiavel*. Trad. Luiz Sergio Henriques com a colaboração de Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, v.3.
- _____. *Cadernos do cárcere: O Risorgimento*. Notas sobre a história da Itália. Trad. Luiz Sergio Henriques com a colaboração de Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2014, v. 5.
- MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO, Maria Lúcia. *Estado, classe e movimento social*. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

SOUSA, Antonia de Abreu. *O Conceito Gramsciano de “Revolução Passiva” e o Estado Brasileiro*. Fortaleza: Revista Labor, vol 3, p:1-12, 2010.

SOUZA, Felipe Alexandre Silva de. *Americanismo e fordismo: a revolução passiva nos Estados Unidos*. Anais do VI Seminário Internacional Teoria Política do Socialismo. 2014.